

UM PANORAMA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA¹

Ana Cristina Fricke MATTE²
Gláucia Muniz Proença LARA³

- RESUMO: O presente artigo busca dar uma visão geral da semiótica greimasiana (semiótica do discurso ou semiótica francesa), abordando questões relevantes para sua apreensão, tais como: o objeto dos estudos semióticos, a relação com o estruturalismo; a estrutura narrativa; a presença da enunciação no escopo da teoria; as várias semióticas; as paixões como limiar entre o contínuo e o descontínuo; a semiótica do mundo natural como viés para a compreensão de estudos sobre o contexto, a expressão e a percepção. A semiótica aqui abordada foi, desde o início, vista como uma disciplina em construção. Seu objeto, o texto, possui, por esse motivo, uma importância crucial para o avanço da própria teoria. As várias semióticas que ganharam corpo, sobretudo na França – como a musical, a da canção, a do texto literário, a visual ou plástica, a da dança etc. –, ao mesmo tempo em que compartilham a teoria em suas investidas analíticas, trazem de volta questionamentos e problematizações que impelem novos avanços teóricos. É no âmbito desse processo que se procura adotar uma “visada crítica” sobre a teoria, tendo como interlocutores não apenas semioticistas, mas também leitores interessados em geral.
- PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Enunciação. Expressão. Conteúdo. Narrativa. Estruturalismo.

Introduzindo (e problematizando) a questão

Os primeiros comentários que chegam a qualquer pesquisador disposto a enveredar pelos caminhos da semiótica do discurso são, em geral, desanimadores. Se não se tratar de um indivíduo persistente, ele acabará desistindo antes mesmo de começar. E não estamos aqui falando das dificuldades inerentes à teoria (aliás, a toda e qualquer teoria), como, por exemplo, o uso da metalinguagem. As críticas a que nos referimos são aquelas que afirmam ser a semiótica uma teoria que desconsidera o contexto, que deixa de lado a história, que se mostra, enfim, imperdoavelmente estruturalista.

Evidentemente, muitas das análises que se valem da semiótica como teoria de base podem incorrer nesses “pecados”, se os textos forem superficialmente considerados. Este artigo pretende sugerir um outro olhar sobre a semiótica do

¹ Uma versão simplificada deste artigo foi publicada no livro *Algumas semióticas* (MATTE; LARA, 2009).

² UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte –MG– Brasil. – 31270-901 – a9fm@yahoo.com.

³ UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. Belo Horizonte –MG– Brasil. – 31270-901 – gmplara@gmail.com.

discurso – também chamada de semiótica francesa ou semiótica greimasiana (se quisermos homenagear seu fundador, o lituano Algirdas Julien Greimas) –, fornecendo subsídios mínimos para seu conhecimento e para a compreensão de seus limites e fronteiras.

Para tanto, faremos o caminho inverso daquele que usualmente se adota na apresentação de uma disciplina: mais do que dizer o que a semiótica é, buscaremos defini-la por aquilo que ela não é.

Semiótica: definindo o objeto e o ponto de vista

Se dissermos simplesmente que o objeto da semiótica é o sentido, em nada a estaremos distinguindo de outras disciplinas, como a filosofia, a antropologia, a sociologia, entre outras que se ocupam desse mesmo objeto. Cabe, portanto, já de saída, uma restrição: a semiótica, inspirada na fenomenologia, interessa-se pelo “parecer do sentido”, que se apreende por meio das formas de linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam. Trata-se, pois, segundo Bertrand (2003, p.21), de uma “[...] abordagem relativista de um sentido, se não sempre incompleto, pelo menos sempre pendente nas tramas do discurso”.

Tomando, assim, o texto⁴ como objeto de significação, a semiótica se preocupa em estudar os mecanismos que o engendram, que o constituem como um todo significativo. Em outras palavras: procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz, examinando, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso global que simula a “geração” do sentido. Ao priorizar o estudo dos mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, a semiótica não ignora que o texto é também um objeto histórico determinado na sua relação com o contexto (tomado em sentido amplo)⁵. Apenas optou por olhar, de forma privilegiada, numa outra direção.

Uma teoria estruturalista ou pós-estruturalista?

Ser estruturalista é, hoje, em muitos domínios, quase um crime. De uns tempos para cá, começou-se a ouvir muito, no meio, em defesa contra essa acusação, a alegação de que a semiótica teria avançado para uma abordagem pós-

⁴ Lembramos que, para a semiótica, o texto resulta da junção de um plano de conteúdo (o do discurso), estudado por meio do percurso gerativo de sentido, com um plano de expressão (verbal, não-verbal ou sincrético).

⁵ Contexto, em sentido amplo, diz respeito às determinações histórico-sociais e ideológicas que incidem sobre o texto. Como veremos, a semiótica toma contexto, em linhas gerais, como os outros textos com os quais o texto em questão dialoga, examinando tais coerções nos próprios textos, e não como uma instância externa a que os textos remeteriam.

estruturalista. Para entender melhor nossa posição frente a essa polêmica, cabe retomar o evento do aparecimento dessa disciplina no âmbito da linguística.

A semiótica ganhou espaço no início da década de 1970, época em que, em seu bojo, os maiores avanços eram feitos no nível narrativo. Afinal de contas, o que é o nível narrativo senão funções e funtivos, relações lógicas, extemporais e praticamente esvaziadas de conteúdo figurativo e temático? O nível narrativo é desprovido de tempo, de espaço, de personalidade. Vamos a um exemplo. Se contamos a alguém a história do patinho feio começando com:

Era uma vez um cisne maravilhoso e muito feliz, que escondia por trás de sua exuberância uma história bastante dolorosa. Quando chegou ao lago onde agora vive com seus companheiros, ele sequer poderia imaginar que seu percurso de dor estava prestes a acabar.

Começamos contando a história pelo final. O que garante que este é o final da história, e não o começo, mesmo que sejam nossas primeiras palavras ao iniciar esse relato, é o nível narrativo. As figuras e a temporalidade do nível discursivo denunciam uma estrutura lógica de pressupostos e pressuposições, segundo a qual o estado atual do sujeito é um estado de realização, dada sua conjunção com o objeto-valor “felicidade”.

A realização pressupõe um percurso que vai da: a) potencialização do sujeito, passando por b) sua virtualização e c) sua atualização, antes de mudar seu estado inicial de disjunção, e chegando à d) realização. Em outras palavras, o cisne precisou a) perceber sua não conjunção com o objeto, b) querer ou dever alterar esse estado, c) munir-se dos saberes e poderes necessários para efetuar a mudança antes de, propriamente, d) realizá-la. Bem resumidamente e mais figurativamente falando: a) perceber-se um pato em falta com a identidade social, b) desejar ser aceito, c) crescer para poder ser d) reconhecido como cisne. Não importa a ordem em que esses estágios são apresentados, eles sempre têm, na narrativa, a mesma posição lógica.

Essa estrutura tão bem amarrada pode soar como uma armadura, inclusive porque a lógica da narrativa faz parecer que existem poucas possibilidades de mudanças entre os textos. Nessa perspectiva, diríamos que a análise exclusivamente narrativa de um texto vai, sim, excluir a história e o contexto, tendo pouco a dizer sobre a intertextualidade na maior parte dos casos. Portanto, em virtude da grande proeminência dos estudos narrativos da semiótica da época (a chamada “semiótica *standard*”), a semiótica como teoria estruturalista ganhou

uma imagem muito restritiva no que concerne aos interesses dos analistas do texto e do discurso.

No entanto, ao invés de ser uma armadura na qual devemos “enfiar” os heróis de nossas histórias, a narrativa funciona como uma espinha dorsal que equilibra valores e discurso. Diferentemente de engessar uma análise, a narrativa tem o poder de explicitar relações lógicas que o discurso manipula a fim de produzir efeitos de sentido. Em outras palavras: se a semiótica oferece modelos (enunciativos, narrativos, figurativos e passionais) para a análise, esses modelos não são dados de uma vez por todas, mas convocados ou revogados pelo exercício concreto do discurso.

E, evidentemente, não podemos falar que conhecemos uma teoria apenas por ter entendido uma parte de seus conceitos. O percurso que engendra o sentido, segundo a semiótica, agrega valores a oposições semânticas, no nível mais abstrato e profundo, permitindo estabelecer, nas sequências lógicas do nível sêmio-narrativo, pontos de referência. Assim referenciadas, as estruturas narrativas servem de suporte não apenas aos temas e figuras do discurso – que as ancoram, dentro de um universo de possibilidades semânticas, nas instâncias de tempo, espaço e pessoa, que, por sua vez, concretizam-nas em relação ao mundo dinâmico das coisas e dos seres –, mas também às pistas que denunciam a enunciação sempre pressuposta a qualquer evento de discursivização e textualização. Visto dessa forma, o percurso gerativo não mais aparece como estrutura estática, mas como um sistema dinâmico produtor de sentidos.

Assim, embora beba nas fontes antropológica e fenomenológica, a semiótica é, sim, em grande parte, estrutural e de inspiração hjelmsleviana. Não se manteve, no entanto, num puro formalismo – apreendendo o sentido via suas descontinuidades e centrando-se na análise das estruturas enunciadas, independentemente do sujeito da enunciação. Ao contrário, investiu nos campos da enunciação, das paixões, da expressão e da continuidade. Essas investidas, a nosso ver, não representam uma evolução da teoria semiótica no sentido de um pós-estruturalismo; significam, antes, que o próprio estruturalismo que a gerou já continha esses traços de modernidade que hoje lhe permitem atuar em espaços tão diferenciados, da ciência à poética.

Algumas palavras sobre a enunciação

Segundo Bertrand (2003), uma das principais críticas feitas à abordagem semiótica do texto refere-se à “ausência da enunciação”. Nessa perspectiva, o citado formalismo, ligado ao princípio de imanência reivindicado pelos

semioticistas, levaria os fenômenos estudados a entrar num “sistema fechado de relações”, quebrando o elo entre o discurso e seu sujeito.

Ora, se, num primeiro momento, os semioticistas, na maioria de seus trabalhos, assumiam uma boa distância do sujeito da enunciação, pressupondo-o pela própria manifestação do discurso, mas mantendo-o cuidadosamente dentro dos limites de pertinência que a teoria fixou ao privilegiar o texto-enunciado, tal situação alterou-se, na medida em que a semiótica foi, progressivamente, integrando, em seu quadro, as contribuições da linguística da enunciação. A concepção de discurso como interação entre sujeitos (enunciador e enunciatário) foi, aos poucos, “[...] se aproximando da realidade da linguagem em ato, procurando apreender o sentido em sua dimensão contínua e estreitando cada vez mais o estatuto e a identidade de seu sujeito [...]” (BERTRAND, 2003, p.18).

Não se trata, evidentemente, de abandonar a semiótica do enunciado, que destaca as articulações internas do texto ao estudar as regras de composição transfrástica, os princípios de coerência, as formas de estruturação articuladas em diferentes níveis, mas de associá-la a uma semiótica da enunciação, centrada nas operações de discursivização, que, dessa forma, reintroduz o sujeito do discurso e a dimensão intersubjetiva da interlocução.

Semiótica ou semióticas?

Pelo que foi dito anteriormente, já deve ter ficado claro para o leitor que a semiótica greimasiana é, antes de tudo, uma semiótica linguística, herdeira de Saussure. Segundo esse autor (SAUSSURE, 1967), a linguística faria parte de uma semiologia que se ocuparia de todas as linguagens. Essa semiologia integraria a psicologia social que, por sua vez, faria parte da psicologia geral.

Em um breve artigo, publicado originalmente em 1967 (GREIMAS, 1971), sobre as relações entre a linguística estrutural e a poética, Greimas expõe o paradigma semiótico como uma teoria pertencente à linguística, e não como uma teoria que engloba a linguística. Já no *Dicionário de Semiótica*, no verbete “semiótica” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.448-456), assume-se que o termo é empregado em múltiplos sentidos, ora como objeto, ora como teoria, ora como sistema, alterando-se de um para outro a relação englobante/englobado em relação à linguística.

Sem entrar no mérito da discussão sobre a relação englobante/englobado, sustentamos que a semiótica vai além da linguística, estendendo-se para outros domínios, como, por exemplo, a comunicação, as artes, a sociologia e, mais recentemente, a ciência da informação e a computação. Trata-se, pois, de uma teoria linguística com grande poder interdisciplinar, que permite análises textuais

nos mais diversos campos do conhecimento que dela podem valer-se para resolver problemas relativos à construção do sentido em diferentes objetos.

A semiótica como sistema também possui duas facetas: os sistemas semióticos podem ser tipificados segundo a oposição mundo natural *versus* mundo da linguagem, ou segundo as diferentes linguagens que aí se identificam. Logo, ouviremos também falar de semiótica da canção, semiótica visual etc., além de semiótica verbal. Essa aparente falta de limites para o uso do termo, dentro da semiótica francesa, decorre da própria história do termo, a que nos referimos acima. Como resultado, temos, na verdade, uma supervalorização do objeto maior da semiótica: a semiose propriamente dita, indo além de escopos teóricos, de áreas e de sistemas.

A semiose (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.447-448) é a própria função semiótica: processo de produção de sentido, o feito que permite às coisas dizerem o que nos dizem. O “espalhamento” desse objeto, até mesmo na própria conceituação da semiótica, indica que, para a teoria greimasiana, não se trata de explicar o texto pelas coerções do contexto (tomado em sentido amplo, como vimos) e da história, mas de discutir a interpretação de contexto e história como *efeitos da textualização* que, em última análise, constituem a instância que de fato os cria. Daí termos afirmado que a semiótica não ignora o texto como um objeto histórico, apenas assume um olhar diferente sobre as variáveis histórico-sociais, ou as condições de produção que engendram esse objeto.

Isso significa que, no escopo dessa teoria, somos seres de linguagem e somente por meio da linguagem apreendemos o mundo e o interpretamos. A semiótica francesa pretende-se uma teoria científica em construção: uma teoria capaz de minimizar (jamais excluir; jamais superar, apenas minimizar) os efeitos que os limites culturais, dos quais a linguagem é a representante maior, impõem sobre o analista.

Da descontinuidade à continuidade: um olhar sobre as paixões

Em sua introdução ao livro *Semiótica das Paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p.9-20), Greimas traz à tona um problema que tem sido a pedra de toque da maioria dos avanços científicos em quase todas, senão todas, as áreas do conhecimento: a questão do mundo como contínuo. Para a linguística, a apreensão do mundo como descontínuo significou a criação de inúmeras e profícuas teorias, com avanços indubitáveis que duraram todo o século XX. Em virtude dessa fertilidade do tratamento dos fenômenos linguísticos como fenômenos discretizáveis, certas perguntas que imprimiam um sentido inverso ao tratamento dos dados foram sistematicamente deixadas de lado pelos cientistas.

No entanto, no seio da teoria semiótica, bem como no seio de muitas outras teorias e campos do conhecimento, alguns problemas não resolvidos, devido a essa postura, ganharam, no decorrer dos anos, importância tal que não mais puderam ser desprezados. As paixões semióticas congregam alguns desses problemas, desde a conversão entre os níveis e a dinâmica nada discreta do nível fundamental que implica a tensividade, até problemas relativos à actualização (dinâmicas de tempo, espaço e pessoa).

Quanto às paixões, cabe dizer que a semiótica, num primeiro momento, privilegiou as estruturas da ação, buscando explicar as transformações nos “estados de coisas”. Nesse caso, pouco ou nada se falava do sujeito que passava por essas transformações e que experimentava diferentes “estados de alma” na sua relação com o objeto-valor e com outros sujeitos (destinador, antissujeito). No entanto, os avanços no estudo da modalização do ser abriram, definitivamente, o caminho para a semiótica das paixões, que, diferentemente da lógica e da psicanálise (que enfocam as paixões apenas do ponto de vista taxionômico), voltou-se para a descrição do processo, buscando dar às paixões-lexemas e a suas expressões discursivas definições sintáticas (BARROS, 1988, p.61).

No quadro da semiótica, o sistema passional relaciona um nível social a um nível individual. A existência semiótica do sujeito passional depende dessa dinâmica, existindo no sujeito individualmente apenas como característica potencial, mas determinante de um estilo semiótico que funciona como pressuposto para determinadas escolhas desse sujeito. Somente uma avaliação cultural do modo de ação do sujeito pode transformar seu estilo em uma paixão moralizada. Portanto, a percepção de que um determinado modo de ser corresponde a um estilo normal ou excessivo/insuficiente depende da cultura em que se insere. Essa abordagem é corroborada pela análise do ponto de vista do sujeito passional, que não concorda com o excesso percebido pela sociedade em seus atos: para ele, trata-se sempre de justa medida⁶. Evidentemente, esse sujeito pode automoralizar-se, assumindo os valores da cultura à qual pertence para julgar seus atos como excessivos ou insuficientes.

A categoria excessivo/insuficiente não é discreta, é contínua; não se trata de posições, mas de faixas de posições possíveis ligadas a uma valoração. Sendo faixas, não são estáticas: dependendo do contexto, um mesmo ponto pode ser excessivo ou estar na justa medida. Os estudos dessas relações implicaram abordagens mais minuciosas dos fenômenos aspectuais, que começaram a ser discutidos como efeitos diretos do nível fundamental no discursivo. Uma primeira incursão nesse sentido foi a abordagem dos fenômenos do nível fundamental, as oposições de base

⁶ Um exemplo disso é o conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca. Para uma análise desse conto, remetemos o leitor a Matte e Lara (2007).

do texto. As categorias semânticas passaram a ser estudadas conforme suas profundidades extensas e intensas, que, correlacionadas, resultaram em modos de relação, substituindo os modelos discretos. (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p.9-10).

Esses avanços teóricos e metodológicos no sentido de lidar com os fenômenos contínuos tornam a teoria semiótica uma poderosa ferramenta para análises de linguagem que impliquem relações com a macrosemiótica do mundo natural, como é o caso da análise da expressão de emoções na fala, via fonética acústica e em direção à síntese computacional da fala emotiva. Da poética à tecnologia, novos horizontes de aplicações e questionamentos instigam o pensamento semiótico e apontam para um futuro de realizações e aplicações altamente produtivas para a ciência do século XXI.

É preciso que fique claro, no entanto, que essas “novas” formas de fazer semiótica não têm a pretensão de substituir a semiótica dita “clássica” – que tem no quadrado semiótico e no esquema narrativo canônico seus “estandartes” – mas apenas avançar em direção a outros pontos de vista e/ou outras coerências, o que tem o mérito de apontar para uma teoria nunca pronta e acabada, mas em contínua remodelação.

Semiótica do mundo natural: contextualização e expressão

Contextualização e expressão são questões centrais e de ordem completamente diversa para a semiótica atual, mas ambas podem ser analisadas como relativas ao campo da semiótica do mundo natural. Existe uma ponte um tanto quanto polêmica entre elas: a questão da percepção. Vamos pensar nessa tríade contexto/expressão/percepção como instâncias correlacionadas para lançar alguma luz sobre os caminhos possíveis.

O contexto (tomado como uma instância externa ao texto) costuma ser trazido por diversas teorias de análise do discurso como solução para problemas de compreensão textual. A semiótica foge dessa solução, pois acredita que a criação de efeitos de sentido está no texto e não em outro lugar. Se há algo além do texto são outros textos. Esse ponto de vista é sustentado pela noção básica de que, para a semiótica, texto não é um conceito restrito à linguagem verbal.

Assim, se o contexto de uma placa de PARE é uma determinada esquina, essa esquina só pode ser analisada como texto para ajudar a compreender o efeito de sentido provocado por essa placa. Colocada na porta do quarto de um adolescente vai ter outro sentido? Com certeza, pois o (con)texto no qual ela estará inserida não é mais a esquina, mas o quarto do tal adolescente.

Esse exemplo remete a apenas uma parte (a espacial) de um dos três tipos possíveis de contexto analisáveis pela semiótica: o *contexto situacional* (MATTE, 2004, p.101). Esse tipo de contexto inclui também o aspecto temporal (tomado, a exemplo do espacial, como um efeito de sentido *do/no* texto e não *para além do* texto). No caso do exemplo dado, uma placa de PARE na porta do quarto de um adolescente dos anos 1960 e na de um adolescente dos anos 1990 teria um sentido diferenciado em virtude da consideração de seu contexto histórico, ou seja, do cruzamento com textos relativos a esse contexto situacional específico.

Além disso, o contexto que a semiótica chama de *contexto interno* pode, nesse caso, ser representado pelo conjunto de placas de trânsito. A placa de PARE tem, nesse conjunto, um efeito de sentido no âmbito do dever-fazer, enquanto uma placa como CURVA SINUOSA À FRENTE tem um caráter de fazer-saber. A colocação da segunda placa na dita esquina causaria um problema de trânsito, já que ela é esperada em estradas e não em ruas. Também devemos considerar que uma placa de PARE, na esquina de uma cidade de interior, provavelmente tem um efeito mais drástico sobre a ação do motorista do que a mesma placa numa esquina de cidade grande, na qual os motoristas estão acostumados a parar, efetivamente, somente em sinais vermelhos ou engarrafamentos. Estamos, assim, considerando tanto o contexto situacional espacial quanto o contexto interno do conjunto de placas de trânsito.

Em todos esses casos, nosso exemplo não é passível de uma análise semiótica propriamente dita porque se trata da simulação de um texto, antes que de um texto concretizado. Teríamos que ter a imagem da placa; o endereço da esquina (uma foto poderia constituir um de seus (con)textos); uma cópia de um manual de trânsito com figuras de outras placas etc. Se a dita placa estivesse na porta do quarto do adolescente – e não na esquina – seriam necessários, por exemplo, um texto falando do adolescente dos anos 1960 ou daquele dos anos 1990; textos sobre essas épocas. Em outras palavras: precisamos de textos concretos para analisar, o que não cabe aqui.

O importante é mostrar que a semiótica possui recursos extremamente organizados para a análise do contexto. Contexto sem esses recursos é um conceito vago e infinito, impossível de ser analisado senão arbitrariamente. Com a semiótica, admitimos que a análise do contexto é sempre parcial e, portanto, é preciso definir de que contexto, especificamente, estamos falando.

É nesse sentido que o contexto entra como questão da semiótica do mundo natural. O mundo natural, a partir do momento em que entra no mundo da linguagem (seja ela qual for: visual, verbal, musical etc.), é um conjunto de textos formando um grande texto. O contexto pode ser definido a partir de alguns desses textos-componentes.

A expressão é outro tipo de problema que também remete à semiótica do mundo natural. Existem várias formas de lidar com o plano da expressão. Resumidamente, podemos citar duas: semiotizar o plano da expressão ou buscar teorias cujo foco seja o plano de expressão de determinada linguagem. É interessante observar que, no âmbito das artes, os estudos são preponderantemente focados no plano da expressão: o plano do conteúdo é, geralmente, abordado de forma bastante impressionista. Em casos como esse, a interdisciplinaridade é bastante profícua, já que permite integrar os avanços dos estudos semióticos do plano do conteúdo com os estudos do plano da expressão provenientes do campo das artes sobre o objeto em questão.

Podemos sugerir que uma abordagem desse tipo – interdisciplinar – nada mais seja do que uma contextualização teórica do objeto, que explora um contexto externo, em textos teóricos, ou um contexto situacional, em textos sobre história da arte. Cabe observar que se trata de uma contextualização bem mais complexa do que aquela que simplesmente insere novos objetos na análise.

A percepção do texto, numa visada semiótica tradicional, fugiria ao escopo da teoria. Contudo, o sujeito receptor é tanto papel narrativo da semiótica do mundo natural, quanto texto dentro de uma das inúmeras formas possíveis de contextualização. Sem ignorar as dificuldades de trabalhar a percepção, já que se trata de um fenômeno interno individual e, no limite, inacessível ao analista, podemos concluir que uma abordagem que faça um recorte da percepção como contexto, assumindo os limites da análise e definindo exatamente o objeto de estudo (por exemplo, respostas a um questionário, comentários livres sobre um determinado objeto comunicativo etc.) é totalmente pertinente no âmbito da análise semiótica e pode trazer luz a importantes questões do campo das ciências cognitivas, atualmente bastante resistente à abordagem semiótica dessas questões.

Considerações finais

Impossível concluir um artigo como este. Assumindo a postura de Greimas – postura essa que lhe era muito cara e que, a nosso ver, continua válida –, a semiótica é uma ciência em construção ou, antes, um processo. Nem mesmo os excertos teóricos mais sedimentados da teoria são imunes a revisões e questionamentos, pois trabalhamos sempre de forma indutivo-dedutiva, sempre num ir-e-vir entre o que a teoria diz sobre o objeto e o que o objeto diz sobre a teoria.

Essa postura exige maturidade por parte do analista, que não pode esperar que as “fórmulas semióticas” sejam aplicadas sem questionamento a novos objetos de estudo. Qualquer inadequação pode ser um sinal importante de que

a teoria precisa ser revista, na maioria das vezes em pontos específicos nunca antes suscitados por outros objetos e análises.

Fazer semiótica, portanto, é sempre correr o risco de, a qualquer momento, se ver obrigado a rever as próprias afirmações. Para quem gosta de verdades e certezas, talvez seja melhor, então, enveredar por outros caminhos teóricos.

MATTE, A. C. F.; LARA, G. M. P. An outline of Greimasian semiotics. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.2, p.339-350, 2009.

- **ABSTRACT:** *This paper presents an overview of the Greimasian semiotics theory (discourse semiotics or French semiotics), by outlining key topics such as its object of study, its relationship with structuralism, the narrative structure, the enunciation as a matter of its studies, the different theories named semiotics, passions as the threshold between continuity and discontinuity, and the semiotics of the natural world as the bias through which context, expression, and perception studies are filtered. Since its proposal, the Greimasian semiotics has been conceived of as a science in progress, and texts are the crucial objects for the advancement of the theory itself. The various French semiotics – musical semiotics, literary semiotics, plastic semiotics, etc. – share the same theoretical analytical tools, but, at the same time, have put forth specific questions and problems that contribute to new theoretical advances. Considering this ongoing process, the paper reviews the theory and aims the study at both semioticians and general audiences interested in the study of signs.*
- **KEYWORDS:** *Semiotics. Enunciation. Expression. Content. Narrative. Structuralism.*

REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, 2001.

GREIMAS, A. J. Las Relaciones entre la lingüística estructural y la poética. In: SAZBÓN, J. (Org.). *Lingüística y comunicación*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1971. p.163-177.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Barbosa Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo:

Ática, 1993.

HJELMSLEV, L. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Minuit, 1968.

MATTE, A. C. F. Politicamente correta Rosa Branca: intertexto e enunciação. *Alfa*, São Paulo, v.48, n.2, p.95-106, 2004.

MATTE, A. C. F.; LARA, G. M. P. Semiótica greimasiana: estado de arte. In: PINTO, J.; CASA NOVA, V. (Org.). *Algumas semióticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 67-76.

_____. A paixão da cólera em “O cobrador” de Rubem Fonseca. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (Org.). *Emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.45-62.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot & Rivages, 1967.

Recebido em fevereiro de 2009.

Aprovado em maio de 2009.